

Uma tradução do projeto [Traduções Abolicionistas](#)

Texto original:

BURTON, Orisanmi. Targeting Revolutionaries: The Birth of the Carceral Warfare Project, 1970–78. **Radical History Review**, v. 2023, n. 146, p. 11–31, 2023.

Tradução autorizada por Orisanmi Burton.

Traduzido por Amós Caldeira.

Data de publicação: 02 dez. 2023.

Encarcerando revolucionários:

O nascimento do projeto de guerra carcerária, 1970-1978
Orisanmi Burton¹

“Essas pessoas estão preparando a máquina do Estado contra nós”, explicou Dhoruba bin-Wahad¹ em 1978 em uma carta para seu advogado. Dhoruba, um membro do Partido dos Panteras Negras – PPN² e do Exército de Libertação Negra – ELN³, foi condenado a pena de prisão perpétua pela tentativa de homicídio de dois policiais sete anos antes. Embora ele não tenha alegado “inocência” – o ELN era uma formação político-militar clandestina que estrategicamente violava a lei para alcançar seus fins⁴ – Dhoruba sempre sustentou que não estivera envolvido no tiroteio e que figuras do Estado nos mais altos níveis tinham conspirado para encarcerá-lo por um crime que ele não cometeu

¹ **Orisanmi Burton** é professor adjunto de antropologia na American University, em Washington, DC. Sua pesquisa, que foca nos conflitos entre o radicalismo negro e a repressão estatal nos Estados Unidos, já foi publicado em *North American Dialogue*, *The Black Scholar* e *American Anthropologist*, entre outros. Seu livro, *Tip of the Spear: Black Radicalism, Prison Repression, and the Long Attica Revolt*, foi publicado pela University of California Press.

como parte de um esforço mais amplo para destruir o PPN/ELN. Durante os três anos anteriores, Dhoruba e seus advogados tentaram provar que não apenas o governo havia o incriminado, mas que a campanha repressiva racista e política contra ele continuou na prisão.

Citando uma informação que ele conseguiu de uma fonte na equipe de funcionários da prisão, Dhoruba afirmou em sua carta que o Departamento de Serviços Correccionais de Nova Iorque – NY DOCS⁵ estava desenvolvendo as Unidades de Monitoramento Especial – UME⁶ para utilização contra os “presos com ligação a grupos externos e radicais,” “camaradas do ELN, FALN [Forças Armadas de Libertação Nacional], presos porto-riquenhos suspeitos e aqueles que resistem a equipe de intervenção da prisão.” Dhoruba, então, fez a conexão dessas unidades para “presos de alto risco” com os projetos de expansão prisional em andamento na época por todo estado e país. “As coisas estão engrossando, meu amigo, e eu sugiro pedir às pessoas para escreverem cartas para o governador exigindo que o programa de UME seja descontinuado antes que Presos Políticos e ativistas sejam assassinados, revelando o propósito político do programa e conectando-o com o crescimento das atividades reacionárias e racistas (KKK) dos guardas.”⁷ Como irei demonstrar, as acusações de Dhoruba eram prescientes. Ele e outros presos politizados foram confinados em um regime de terror racial e dominação política em constante transformação escondido sob a aparência da justiça criminal.

Este ensaio identifica a emergência do que eu chamo de *projeto de guerra carcerária*, uma campanha clandestina para introduzir lógicas e técnicas de contrainsurgência no interior das prisões estadunidenses. Esse projeto surgiu entre 1970 e 1978, a transição para um período sem precedentes históricos de expansão global das prisões como tecnologias de manutenção da ordem social. Esse projeto não era hegemônico no interior da formação do Estado carcerário, mas existiu em conflito com abordagens abolicionistas para crises sociais, bem como empreendimentos liberais de *lei e ordem*.⁸ Implementado mediante decretos executivos em vez de processos legislativos, o projeto foi

Encarcerando revolucionários

desenvolvido por uma rede de agentes de segurança interna e defensores da Guerra Fria no Congresso, no Departamento Federal de Investigação⁹ (FBI), na Agência de Inteligência Central¹⁰ (CIA), em *think tanks* e na academia. Empenhados em uma cruzada antinegra, antirradical e anticomunista que transcendia limites territoriais e institucionais, esses agentes desenvolveram métodos para coletar informações sobre pessoas encarceradas, majoritariamente pessoas negras, e suas redes fora dos muros das prisões, a fim de utilizar essas informações contra elas. Eles também treinaram os funcionários das prisões a compreender a prisão como uma zona de guerra, cujo resultado era de igual importância para as guerras que se desenrolavam no Terceiro Mundo. Os objetivos desse projeto eram de uma só vez burocráticos, políticos e econômicos: para garantir o acesso ao poder, eliminar o radicalismo negro tanto dentro quanto fora das prisões e, por fim, estabilizar a dominação global estadunidense.

Durante o final da década de 1960 e início da década de 1970, o que veio a ser conhecido como “movimento prisional” ameaçava cada vez mais a integridade da dominação imperial. Em meio a lutas globais pela decolonização, as populações despossuídas e desumanizadas enclausuradas nas prisões estadunidenses entendiam-se cada vez mais como uma força radical e revolucionária pela transformação da ordem social. A emergência desse “novo preso”¹¹ era em muito devido aos esforços de pessoas como Dhoruba, que foram encarceradas pelas suas atividades políticas. “Nós olhávamos para prisão como um câmpus universitário para o ensino revolucionário superior”, ele me explicou em uma entrevista. “E quando nós víamos irmãos que tinham caráter, tinham coração, que tomariam uma posição, nós tentávamos aumentar sua politização.”¹² Expandindo uma trajetória que se iniciou com as rebeliões urbanas da década de 1960, as rebeliões prisionais se proliferaram: Ohio em 1968, Minnesota e Nova Jérsei em 1969, Nova Iorque (cidade e parte alta da região metropolitana) em 1970, e Califórnia e região oeste do estado de Nova Iorque em 1971. De acordo

com um estudo, 48 rebeliões ocorreram em 1972, o maior número para um único ano na história do Estados Unidos até aquele momento.¹³

As leituras progressistas predominantes sustentavam que essas rebeliões eram explosões espontâneas de raiva em resposta às condições prisionais cruéis. Entretanto, como a Associação Correccional Americana – ACA¹⁴ apontou em 1970, as rebeliões refletiam cada vez mais “movimentos de resistência massiva organizados e calculados, apoiados e assistidos por grupos externos e liderados por detentos inteligentes utilizando táticas revolucionárias.”¹⁵ Talvez ainda mais problemático para o Estado era a extensão das comunicações dos rebeldes presos entre si e com movimentos anticoloniais fora dos Estados Unidos. Agentes de segurança interna relacionaram a tática de tomada de reféns que os rebeldes presos empregavam ao aumento dos sequestros políticos realizados por movimentos revolucionários na Guatemala, Brasil, Uruguai, Canadá e em outros lugares.¹⁶ Em 1970, detentos do presídio Folsom, na Califórnia, produziram para a sua greve trabalhista um “Manifesto de Demandas”¹⁷, uma versão do manifesto reapareceu no ano seguinte na prisão de Attica, em Nova Iorque, onde uma grande rebelião logo eclodiu. Pouco tempo depois, o manifesto foi traduzido para o vietnamita e circulou entre prisioneiros de guerra do governo do Vietnã do Sul, que recebia apoio dos Estados Unidos.¹⁸ Tomado pelo terror sobre o que poderia acontecer se as fortalezas de lei e ordem fossem tomadas pelos militantes negros criminalizados e patologizados, um guarda prisional disse à *CBS News*, “Nós não podemos tolerar isso se quisermos sobreviver como uma civilização.”¹⁹

Minha análise do projeto de guerra carcerária tem uma dívida com os intelectuais radicais negros para os quais essas tecnologias repressivas foram desenvolvidas para controlar. Mais diretamente, este ensaio baseia-se no trabalho político e intelectual de Dhoruba bin-Wahad e os advogados radicais que o apoiaram durante mais de duas décadas de luta nas garras do Estado. Em 1974, durante o desdobramento do escândalo de Watergate e das investigações do Congresso sobre o programa ilegal de contra-inteligência do FBI (COINTELPRO),

Encarcerando revolucionários

Dhoruba convenceu seus advogados de que ingressar com uma ação contra o governo federal “poderia ser útil para alguns objetivos políticos interessantes”.²⁰ Desse processo surgiram lutas jurídicas contra o FBI, o Departamento de Polícia de Nova Iorque²¹ (NYPD) e o NY DOCS, que eventualmente provaram que o promotor em seu caso conscientemente ocultou da defesa evidências de sua inocência. Isso resultou na reversão da condenação de Dhoruba e na sua libertação em 1990.²²

Outra consequência dessas ações judiciais foi que elas forneceram mais de trezentas páginas de documentos sobre a repressão governamental clandestina da dissidência doméstica. Entre os arquivos liberados estavam os que revelavam as ações do Programa de Vigilância de Ativistas Prisionais – PRISACTS²³, a pouco conhecida campanha do FBI para esmagar o movimento prisional. Depois de manter esses documentos em segurança por décadas, Dhoruba e seu advogado Robert J. Boyle me permitiram acessá-los.²⁴ A análise que se segue baseia-se nesses arquivos e em alguns documentos adicionais do FBI que eu obtive via pedidos pela Lei de Liberdade de Informação²⁵. Eu li esses documentos públicos através de uma lente interpretativa especulativa e desleal e confrontei-as com fontes de arquivos e histórias orais adicionais de pessoas perseguidas pelo Estado.

Eu começo analisando “a tese da exploração do problema”²⁶, a principal teoria de sustentação do projeto de guerra carcerária. Eu demonstro que, começando na década de 1970, experientes defensores da Guerra Fria atualizaram seus antigos argumentos contra o comunismo para aplicá-los contra revolucionários negros encarcerados. Depois, eu analiso o PRISACTS, também conhecido como o programa sobre “atividades extremistas, revolucionárias, terroristas e subversivas nas instituições penais”. Com foco nas palavras e feitos de George Jackson e Donald Bordenkircher – duas figuras fundamentais em posições opostas da luta – eu demonstro como o FBI, através do PRISACTS, encarava os espaços carcerários como zonas de guerra contrarrevolucionária. A última parte revela que apesar de o FBI ter

descontinuado oficialmente o programa em 1976, essa metodologia contrarrevolucionária foi incorporada em sistemas do Estado. Por fim, eu demonstro que, através das prisões, agentes de segurança interna aderiram a uma forma de guerra contrarrevolucionária que poderiam negar, uma guerra que busca isolar presos políticos uns dos outros e da população prisional em geral, das suas redes de apoio externas e até mesmo aliená-los de si mesmos.

A tese da exploração do problema

O projeto de guerra carcerário é animado por um enquadramento teórico conhecido como a tese da exploração do problema. Um alicerce da ideologia da Guerra Fria e da teoria de contrainsurgência, a ideia sustenta que organizações revolucionárias (comunistas) estão por detrás de todo movimento contestatório.²⁷ Seu objetivo é explorar o descontentamento latente das massas, cuja maioria é ignorante ou simpatizantes do comunismo, e manipulá-la para realizarem ações a fim de desestabilizar a autoridade estabelecida. Ao fazê-lo, estes “subversivos” buscam criar uma situação revolucionária. A tese da exploração do problema ajudou a abastecer a histeria McCarthista da década de 1950, sustentando a ideia de que os comunistas precisavam ser identificados, expostos e neutralizados, para que o seu “modo de vida maligno” não se espalhe pelo corpo social como uma doença.²⁸ Entretanto, na década de 1970, o apetite popular pelo anticomunismo estava diminuindo. Em resposta, defensores da Guerra Fria reformularam sua tese, voltando seus olhares para as prisões, onde o lumpenproletariado negro estava se radicalizando rapidamente.

Em 1973, depois de uma longa investigação, o Comitê de Segurança Interna – CSI²⁹ publicou o “Alvo Revolucionário: O Sistema Penal Americano”³⁰. Diferente de investigações governamentais sobre a crise prisional anteriores, que focavam em oportunidades para a reforma prisional, o CSI analisou a situação dos revolucionários encarcerados pela lente da exploração do problema. Embora o comitê do Congresso tenha abandonado seu antigo nome, Comitê Congressual

Encarcerando revolucionários

de Atividades Antiamericanas³¹, num esforço inútil para se distanciar dos excessos do McCarthismo, sua abordagem fundamental continuou a mesma. De início, Robert M. Horner, o investigador chefe do comitê e agente aposentado do FBI, apontou que era imperativo que o CSI fizesse uma distinção entre os “profissionais correcionais,” a “atividade legal legítima em prol dos presos,” os “reformistas prisionais bem-intencionados” e os “revolucionários e seus apoiadores.” O único interesse do CSI estava na última categoria, aqueles que não queriam a reforma, mas “deixar em descrédito o governo existente, para minar e destruir, para tornar nossos cidadãos desleais e, portanto, lançar as bases de seus objetivos revolucionários violentos.”³²

A preocupação com revolucionários encarcerados estava crescendo desde 1970. Em janeiro daquele ano, George Jackson e outras duas pessoas foram acusadas de matar um guarda prisional de San Quentin em retaliação pelo assassinato de três presos negros cometido pelo Estado. Sete meses depois, o irmão mais novo de George, Jonathan Jackson, foi morto em uma tentativa de libertar George e outras pessoas da prisão.³³ De acordo com um agente prisional, organizações prisionais foram responsáveis pela morte de dezoito guardas prisionais no início da década de 1970 e a maiorias das mortes ocorreram próximas de ou em prisões californianas.³⁴

Em 21 de agosto de 1970, o diretor do FBI, J. Edgar Hoover, introduziu um novo título: Atividades Extremistas Negras em Instituições Penais.³⁵ “Não há dúvida sobre o fato de que extremistas negros em nossas instituições penais são cada vez mais responsáveis por fomentar discórdias no interior do sistema penal, o que inclui extorsão, chantagem, motins e a tomada de reféns no fomento de seus objetivos revolucionários,” escreveu Hoover.³⁶ Ele instruiu seus agentes a obter as identidades de “todos os extremistas revolucionários negros suspeitos, os detalhes de suas atividades revolucionárias e a formação de qualquer grupo negro similar ao Partido dos Panteras Negras,” acrescentando que uma ênfase especial deveria ser colocada em “presos prestes a sair em liberdade que, por conta de suas atividades extremistas

negras, devem ser investigados ou que tenham potencial de ser um informante racial.” Agentes do FBI também foram instruídos a “desenvolver fontes de informações identificáveis definitivas” entre agentes prisionais federais, estaduais e locais e manter esses contatos regularmente.³⁷

A ironia, claro, era que o problema do “extremista negro” fora criado pelo próprio FBI. Três anos antes, o FBI renovou o COINTELPRO, que foi estabelecido pela primeira vez em 1956 para desestabilizar o Partido Comunista dos Estados Unidos.³⁸ O principal programa antinegro do FBI, “Grupos de Ódio Nacionalistas Negro”³⁹, utilizou notoriamente uma gama de métodos de contrainsurgência para “expor, desestabilizar, enganar, desacreditar ou neutralizar as atividades” de organizações radicais negras em geral e do Partido dos Panteras Negras em particular.⁴⁰ Além de facilitar o assassinato e exílio de incontáveis ativistas, o FBI colaborou com os “esquadrões vermelhos”⁴¹ da polícia para orquestrar incriminações e encarceramentos políticos.⁴² Um estudo sugere que em 1969, 24 Panteras Negras foram mortos pela polícia, muitos mais foram feridos e pelo menos 749 foram detidos e presos.⁴³

Na trajetória de um jovem homem negro chamado Charles Leon Hill, nós podemos ver a radicalização política como uma consequência não desejada da repressão estatal. Em 1969, enquanto Leon estava confinado sob acusações de roubo em uma cadeia de Manhattan, ele encontrou Dhoruba e outro Pantera, que estavam lutando contra suas primeiras grandes incriminações.⁴⁴ Leon descreveu o encontro como um dos grandes momentos de sua vida, um encontro que marcou o começo de sua transformação de um autodenominado “rato do gueto” para um revolucionário marxista terceiro-mundista: “Os irmãos me explicaram que a revolução tem que estar no interior do corpo da pessoa – que a revolução é um processo de reordenar os seus valores – de modo simples, a morte do *nigger* e o nascimento do homem negro depois de conseguir ter orgulho de ser quem é.”⁴⁵ No ano seguinte, Leon desempenhou um papel central na rebelião da prisão de Auburn

Encarcerando revolucionários

de 1970 e posteriormente juntou-se a uma formação abolicionista chamada Comitê de Solidariedade dos Presos⁴⁶, um alvo de investigação do CSI.⁴⁷

Defensores da tese da exploração do problema recusavam admitir publicamente que as ideologias revolucionárias pudessem emergir de relações não hierarquizadas de respeito mútuo e cuidado ou que a desumanização e a repressão estivessem criando condições propícias para rebelião.⁴⁸ Eles viam um extremismo dehistoricizado como o problema para o qual a contrainsurgência era a solução. Isso implicava uma análise de grandes populações para distinguir os “incorrigíveis”, como Dhoruba, dos Leons deste mundo, que eles viam como “maleáveis” e suscetíveis à doutrinação. Uma vez identificados e isolados, esses grupos distintos poderiam ser expostos a diferentes programas de controle.⁴⁹

A investigação e relatório do CSI foi inspirado por um dos últimos pronunciamentos públicos de J. Edgar Hoover antes de sua morte repentina. Após a rebelião de Attica, ele fez um alerta sobre uma “aliança profana” entre “detentos embrutecidos” e “extremistas revolucionários negros”.⁵⁰ Ele disse ao Congresso que para combater esse problema, o FBI precisaria de mais fundos – um fato que levanta uma questão interessante sobre o que era exatamente “explorar” a questão prisional. Agentes de segurança interna argumentaram que os extremistas tinham, de modo oportunista, focado nas prisões como ponto de “preocupação social militante” porque a retirada progressiva do exército estadunidense do Sudeste Asiático os deixara sem assunto para explorar.⁵¹ Entretanto, também pode se argumentar que com o declínio do movimento antiguerra, que tinha sido uma grande benção para comunidade de inteligência, eram estes atores estatais que estavam explorando os distúrbios prisionais. O “descobrimento” de uma nova e traiçoeira conspiração para destruir a América permitiu-os justificar e fundamentar suas próprias posições, particularmente na sequência dos escândalos da COINTELPRO e de Watergate e da morte de J. Edgar Hoover.

Depois da publicação do relatório da CSI, o FBI convocou “O Simpósio Nacional sobre o Sistema Penal Americano como um Alvo Revolucionário”⁵². Mais de cem agentes prisionais com altos cargos, investigadores do CSI e representantes de alto escalão de agências policiais se reuniram na academia do FBI em Quantico, Virgínia. Durante a conferência de três dias, eles discutiram a tese da exploração do problema, a história e a ideologia de várias formações revolucionárias, a propaganda esquerdista com foco nos presos e “a origem das táticas de guerrilha urbana.”⁵³ O simpósio lançou a fundação ideológica para o PRISACTS, uma nova iniciativa pensada para utilizar a tese da exploração do problema como uma arma por todo sistema prisional. Na próxima seção, eu exploro como essa operação teve foco nas pessoas que o encarceramento não conseguiu neutralizar.

O Programa de Vigilância de Ativistas Prisionais

Em seu ensaio *A Vanguarda da Tecnologia Prisional*⁵⁴, Dhoruba argumenta que o surgimento do PRISACTS codificou uma mudança em políticas estatais que iniciou-se com o assassinato de George Jackson.⁵⁵ Em 1961, quando Jackson tinha 18 anos, ele foi condenado a uma sentença mínima de 1 ano que poderia ser estendida indefinidamente [*one-year-to-life*] por assaltar um posto de gasolina. Atrás dos muros do sistema prisional da Califórnia, Jackson vivenciou racismo, violência e privação em sua forma crua.⁵⁶ Ele reagiu a isso transformando-se no que Joy James chama de um “filósofo dragão e um abolicionista revolucionário”.⁵⁷ Ele estudou artes marciais, leu vorazmente, ajudou a organizar uma formação clandestina chamada Família Guerrilha Negra – FGN⁵⁸, juntou-se ao Partido dos Panteras Negras, escreveu prodigiosamente e resistiu fisicamente à violência estatal.⁵⁹ “Eu sou um extremista,” ele explicou em *Soledad Brother*, adotando um epíteto utilizado pelo FBI para deslegitimar políticas radicais. “Eu exijo medidas extremas para resolver problemas extremos.”⁶⁰ O livro comunicou com clareza brutal a condição terrível da vida negra e a necessidade urgente de destruir o que ele teorizou

Encarcerando revolucionários

como fascismo americano. *Soledad Brother* e sua sequência, *Blood in My Eye* [Sangue em meu olho], tornaram-se textos fundamentais para o movimento prisional em rápido desenvolvimento.⁶¹

Durante uma entrevista em 1971, Jackson articulou sucintamente a estratégia do movimento e o esforço do projeto de guerra carcerária para destruí-lo, o que ele chamou de “técnica do campo de concentração”:

Bom, somos todos familiares com a função da prisão como uma instituição a serviço das necessidades do Estado totalitário. Nós temos que destruir essa função; no fim, a função tem que deixar de ser viável. O que quero dizer é que eles nos colocam nestes campos de concentração da mesma maneira que colocam pessoas em jaulas de tigres ou “aldeias estratégicas” no Vietnã. A ideia é isolar, eliminar, liquidar os setores dinâmicos do movimento como um todo, os protagonistas do movimento. O que temos que fazer é provar que isso não vai funcionar. Uma vez cá dentro, nós temos que organizar a nossa resistência, não deixá-los em paz, transformar a prisão em mais um front da luta, destruí-la por dentro.⁶²

Jackson entendia a prisão não como um lugar, mas como uma *estratégia* para erradicar a capacidade de resistência de povos colonizados. Em sua visão, o Estado racista/capitalista empregava instituições carcerárias – prisões, campos de concentração, aldeias estratégicas etc. – internamente e no exterior com o mesmo propósito, liquidar os setores dinâmicos do movimento como um todo, pacificar populações dos dois lados do muro e tornar o mundo seguro para a acumulação do capital. Contra essa estratégia, o objetivo do movimento prisional era destruir a prisão – “demolir” fisicamente, ideologicamente e simbolicamente a prisão e, ao fazê-lo, demolir um dos pilares centrais do Estado racista/capitalista.

Dois meses após dizer essas palavras, Jackson foi assassinado a tiros enquanto corria em direção ao muro da prisão de San Quentin. Na sequência de uma rendição e suposta tentativa de fuga, ele, mais três guardas e dois presos brancos, conheceram um violento fim.⁶³ A data

era 21 de agosto de 1971, exatamente um ano depois de Hoover ter escrito o primeiro memorando “Atividades Extremistas Negras em Instituições Penais”⁶⁴.

Com o lançamento oficial do PRISACTS, em 10 de maio de 1974, o FBI se aproveitou de uma ideia que Jackson e vários outros radicais negros desenvolveram como uma base de seu trabalho de organização: encarceramento e liberdade não são tão distintos como parecem inicialmente, mas existem em um *continuum* de repressão e luta política.⁶⁵ Ou, segundo o FBI, “atividades de extremistas, revolucionários, terroristas e subversivas ocorrem dentro e fora das prisões, não sendo possível traçar uma linha no muro da prisão como forma de demarcar o limite de tais atividades.”⁶⁶ O PRISACTS apagou essa linha, tornando-a irrelevante. Comandado por Clarence M. Kelley, que se tornou diretor do FBI após a morte de Hoover, e supervisionado pelo Agente Especial William D. Fallin, o programa dizia ter duas metas: “aprofundar os contatos com agentes prisionais locais, estaduais e federais para conscientizá-los dos esforços para subverter a autoridade prisional” e apurar “informações sobre grupos extremistas para complementar as investigações do FBI sobre estes grupos fora da prisão.”⁶⁷ O FBI acreditava que alcançar essas metas os deixariam mais próximos de seu objetivo, “neutralizar as atividades desses elementos onde quer que ocorram”.⁶⁸

Possivelmente o principal alvo deste projeto contrarrevolucionário, Jackson fez declarações que espelhavam e antecipavam as declarações de Donald Bordenkircher, o diretor da Prisão Estadual de West Virginia: “O que estou dizendo é que há um punhado de ratos, provavelmente não mais que 25 mil, que selecionaram diversas instituições penais nos Estados Unidos para serem usadas para levantes revolucionários.”⁶⁹ Bordenkircher proclamou estas palavras antes do Congresso de 1974 da ACA, pouco tempo depois do lançamento do PRISACTS. Intitulado “As prisões e o revolucionário”⁷⁰, seu discurso apropriou-se palavra por palavra de passagens do relatório Alvo Revolucionário, invocou a tese da

Encarcerando revolucionários

exploração do problema e fez um apelo pelo desenvolvimento de “programas de segurança interna” para prisões. Elaborando a partir de sua metáfora genocida, Bordenkircher continuou, “você pode controlar, eliminar e prevenir os ratos com uma boa limpeza da casa, manutenção preventiva e senso comum – sabendo bem que no momento que você for tolo o suficiente para se tornar negligente, os ratos vão voltar e construir seus ninhos.”⁷¹

Os “ratos” de Bordenkircher são equivalentes ao que Jackson chamou de protagonistas do movimento. Segundo o próprio diretor prisional, a estratégia do Estado era controlar, eliminar e prevenir os “ratos” mediante quaisquer meios disponíveis. Especificamente, Bordenkircher exigiu a mobilização dos conhecimentos em “administração pública, sociologia, psicologia, psiquiatria, medicina e vários outros campos.”⁷² Estudos demonstraram que na sequência dos “anos de rebeliões prisionais,” o governo federal ajudou a inaugurar a era do isolamento de longo prazo e das prisões “supermax” como uma forma de controlar radicais.⁷³ Entretanto, a campanha do FBI contra o movimento prisional coincidiu temporalmente e politicamente com os esforços da CIA para manipular os pensamentos e comportamentos de pessoas dentro e fora das prisões através de privação sensorial, terapia com drogas, tratamento de eletrochoque e psicocirurgia entre outros métodos.⁷⁴ Nesse contexto, a exigência de Bordenkircher por um envolvimento maior de especialistas médicos e comportamentais contra 25 mil “vermes” – um número que representava mais de 10% de toda população prisional estadual e federal na época⁷⁵ – parece um apelo para intensificar esses experimentos com violência.

A própria existência do PRISACTS, um programa que foi explicitamente orientado para a guerra de guerrilhas, corrobora afirmações de longa data, mas frequentemente descartadas, de alvos da repressão estatal de que o governo estadunidense assassinou ativistas presos. Dhoruba não é o único que faz tais afirmações. Por exemplo, em 1987, o preso político Jalil Muntaquim escreveu que através do PRISACTS “as pessoas presas por suas crenças políticas e... por ataques

diretos ao sistema de opressão racista continuaram a ser assediadas, brutalizadas e mortas na prisão.”⁷⁶ Cheia de contradições e alegações incríveis, a história oficial da morte de George Jackson tem sido tema de grande especulação com relação ao papel desempenhado pelo FBI, o Departamento de Polícia de Los Angeles e o sistema prisional da Califórnia.⁷⁷

O “assassinato disfarçado” de Jackson, como o Grupo de Informação sobre as Prisões, da França, o chamou⁷⁸, é apenas a mais conhecida de uma série de mortes misteriosas envolvendo os presos politizados da Califórnia durante a década de 1970. A tomada malsucedida do Tribunal do Condado de Marin pelo irmão mais novo de Jackson tem há muito sido uma fonte de especulação, bem como as mortes de Fred Bennet e James Carr, outros dois associados de George Jackson. As autoridades recuperaram os restos mortais carbonizados e espalhados de Bennet nas Montanhas de Santa Cruz em abril de 1971. Um ano mais tarde, Carr foi assassinado à porta de sua casa por um assassino de aluguel. Agentes e investigadores do Estado sugeriram que os dois homens estavam envolvidos no planejamento da tentativa de fuga de George Jackson, que eles estavam trabalhando como informantes e/ou agentes provocadores, e que atores estatais estavam envolvidos em suas mortes.⁷⁹

Em Nova Iorque, outro foco do movimento prisional, Dhoruba afirma há muito tempo que seu camarada Charles “Rabb” Parker, morto a tiros enquanto estava sentado em seu carro logo depois de ter conseguido liberdade provisória em meados de 1970, era um alvo do PRISACTS.⁸⁰ Rabb participou da Rebelião de Auburn em 1970 e subsequentemente estabeleceu o Partido do Povo⁸¹, uma “organização de detentos” discutida em Alvo Revolucionário.⁸² “A única escolha que realmente temos é entre a morte ou uma presença física não-existente,” Rabb escreveu em um tratado de 1972 que declarava sua recusa em ser desumanizado.⁸³ Robert “Karate Bob” Smith, antes conhecido como Robert 35X, foi um signatário do documento e um participante ativo do movimento prisional. Pouco depois de sua liberdade provisória, o

Encarcerando revolucionários

antigo guarda-costas de Malcom X foi morto a tiros no metrô.⁸⁴ Em 1973, Woodie “Changa” Green, que também participou da rebelião de Auburn, e seu camarada Anthony “Kimu” White, que é pessoalmente citado em *Alvo Revolucionário* e tinha escapado recentemente da Casa de Detenção de Manhattan, foram mortos a tiro por detetives do Departamento de Polícia de Nova Iorque.⁸⁵ Contradizendo a cobertura midiática pró-policia, que caracterizou as mortes como resultado de um assalto frustrado, o camarada Jomo Omowale descreveu esses assassinatos como “graves baixas” do movimento.⁸⁶ Cinco anos depois, Jomo e Mariano “Dalou” Gonzales, ambos presentes nas rebeliões de Auburn e Attica, estiveram envolvidos em um tiroteio que deixou Dalou e dois policiais mortos, com Jomo gravemente ferido.⁸⁷ Embora alegações de que essas mortes foram orquestradas pelo Estado não sejam provadas, o fato de que elas ocorreram durante o PRISACTS deve levantar suspeitas.

O itinerário profissional de Donald Bordenkircher demonstra que as conexões que os revolucionários encarcerados estavam fazendo entre as prisões estadunidenses, a luta global anticolonial e a contrainsurgência eram necessárias. Bordenkircher começou sua carreira como um guarda no sistema prisional californiano, mas rapidamente ascendeu na hierarquia, estabelecendo eventualmente a equipe prisional de Armas Especiais e Táticas e um precursor local do PRISACTS: uma unidade investigativa que se relacionava com agências policiais extramuros em um esforço para desestabilizar a auto-organização de presos.⁸⁸ Em 1967, ele foi selecionado pelo Gabinete de Segurança Pública⁸⁹, uma agência conectada à CIA, para cumprir a função de conselheiro técnico sênior para a Diretoria de Correções do Vietnã do Sul. Nos cinco anos seguintes, seu trabalho expandiu o Programa Fênix⁹⁰ da CIA, que foi responsável pelo assassinato de milhares de reais e supostos militantes comunistas, ao transformar as prisões do Vietnã do Sul em instrumentos de contrainsurgência. Isso incluiu a classificação e segregação sistemática de militantes e

“comunistas criminosos”, o uso da detenção indefinida e o emprego de táticas de guerra psicológica e programas de “reeducação”.⁹¹

A menção de George Jackson às “jaulas de tigre” do Vietnã implicava Bordenkircher, que estava no comando quando foi revelado que homens, mulheres e crianças vietnamitas estavam sendo torturadas e esfomeadas em covas subterrâneas. Em 2005, anos depois de sua passagem pelo Vietnã e seu tempo na Academia Internacional de Polícia em Washington, DC, Bordenkircher foi mais uma vez utilizado internacionalmente. Dessa vez, ele foi enviado para o Iraque, onde ele ajudou a lidar com a repercussão das revelações de que agentes estadunidenses, muitos dos quais haviam sido guardas prisionais em prisões estadunidenses, estavam abusando sexualmente e torturando “inimigos combatentes” capturados em Abu Ghraib.⁹²

Em 1976, o FBI afirmava ter estabelecido uma “relação positiva” com mais de 150 prisões locais, estaduais e federais. Memorandos internos atribuíam ao PRISACTS a inibição do crescimento do ELN e da FGN, entretanto não revelou nenhum dos métodos através dos quais isso foi supostamente alcançado.⁹³ Quando as comunicações entre o FBI e as autoridades prisionais tornou-se “o padrão mediante repetidos contatos”, o PRISACTS foi oficialmente encerrado, apenas dois anos depois de seu lançamento.⁹⁴ Como eu demonstro na próxima seção, entretanto, Dhoruba e outras pessoas descobriram que depois de 1976, a responsabilidade para executar o programa recaiu firmemente nas mãos dos sistemas prisionais estaduais, que na época foram permitidos aplicar a “técnica do campo de concentração” sob a justificativa da eficiência burocrática.

Institucionalizando o Projeto de Guerra Carcerária

Dhoruba bin-Wahad tornou-se membro da seção de Nova Iorque do PPN no verão de 1968. Seu intelecto incisivo, oratória e inclinação para atividades clandestinas rapidamente o alçou a uma posição de liderança na juventude do partido, colocando-o na mira do FBI. Menos de um ano depois de se juntar ao partido, ele e vários outros membros

Encarcerando revolucionários

foram acusados de conspiração para assassinar policiais, lançar bombas em lojas de departamento e terrorizar os habitantes de Nova Iorque. A luta jurídica e política dos Pantera 21⁹⁵, como eles ficaram conhecidos, arrastou-se por mais de dois anos, eventualmente resultando na absolvição dos Panteras de todas as acusações. Mas a absolvição foi uma “vitória de Pirro”. O árduo julgamento, as contradições internas do partido e a contínua agressão do governo contra o movimento desestabilizaram o partido.⁹⁶

Em vez de correr o risco de ser assassinado, Dhoruba entrou na clandestinidade, onde ele continuou a lutar a repressão estatal como membro do ELN. Ele foi capturado em 21 de maio de 1971, enquanto participava de uma expropriação armada de um conhecido ponto de venda de drogas. Conseqüentemente, ele foi indiciado por vários delitos, incluindo a tentativa de assassinato de um policial. Quando Dhoruba foi condenado dois anos depois, o promotor explicou que talvez ele fosse o primeiro “militante negro” a ser condenado por participar de ataques de guerrilha contra a polícia.⁹⁷

Um fato desconhecido por Dhoruba na altura, sua condenação coincidiu e ajudou a impulsionar o desenvolvimento do projeto de guerra carcerária. Anos depois, quando seus advogados conseguiram acesso a documentos sigilosos do Estado, Dhoruba tomou conhecimento do PRISACTS e entendeu que o constante isolamento e abuso que ele e outros vivenciaram atrás das grades não foi idiossincrático, mas parte de uma campanha coordenada de guerra que os acompanhou na prisão. Quando Dhoruba foi preso, o FBI alertou o NY DOCS para dedicar atenção especial ao seu novo detento e acompanhar de perto suas atividades. Retomando a tese da exploração do problema, um memorando do NY DOCS recomendou que Dhoruba “recebesse mais supervisão que o padrão e que não seja alocado em nenhuma área em que possa exercer influência indevida sobre os elementos mais fracos.”⁹⁸

Embora o FBI tivesse oficialmente encerrado o PRISACTS na altura em que Dhoruba tomou conhecimento de sua existência, ele

sabia que isso não era verdade, já que tentativas sistemáticas por parte das autoridades penais para quebrar seu espírito e mente continuaram a acontecer. Como ele explicou em uma entrevista em 1990:

Quando um de nós [presos políticos] era transferido de uma prisão para outra, todos nós éramos deslocados. Para que nunca pudesse ocorrer de que em algum momento estivéssemos todos na mesma prisão. E isso resultou no nosso isolamento nas prisões mais remotas do arquipélago prisional do estado de Nova Iorque. Portanto, as partes iniciais do meu encarceramento envolviam esse tipo de constante deslocamento para prisões isoladas, abuso, ir para a solitária sob acusações disciplinares inconsistentes, ter a minha correspondência aberta e confiscada, ter as minhas encomendas destruídas e furtadas por guardas prisionais. Tudo isso ocorreu durante o período inicial do meu encarceramento e continuou até mais ou menos o ano anterior à minha libertação. O abuso era sem fim. Embora eu não tenha sido um desses presos que eram constantemente sujeitos aos maus-tratos físicos, muitos presos políticos são. Eu tive ocasiões de alterações físicas com guardas prisionais. Entretanto, o foco era quebrar meu espírito e quebrar minha mente. E para fazê-lo, eles travavam constantes batalhas psicológicas, constante tortura psicológica e tentativas constante de me isolar da comunidade e de outros presos.⁹⁹

Aqueles que não foram assassinados fisicamente foram obrigados a lutar uma guerra declarada para prevenir o Estado de os matar mentalmente e espiritualmente.

A carta de 1978 que abre este ensaio, na qual Dhoruba acusa seus captores de “preparar a máquina do Estado” para monitorar, controlar e neutralizar presos políticos, demonstra sua suspeita de que o encerramento do programa PRISACTS foi um subterfúgio. Dhoruba estava certo. Poucas semanas depois, ele e outras sete pessoas receberam memorandos informando-os que eles eram parte do novo programa Caso de Monitoramento Central – CMC¹⁰⁰. “Você requer supervisão minuciosa por causa de seu comportamento criminoso que indica reincidência de delitos violentos e por causa de suas atuais condenações por três tentativas de homicídio,” dizia o memorando.¹⁰¹

Encarcerando revolucionários

Anexado ao memorando estava uma diretiva que delineava a lógica do programa CMC na sombria linguagem do poder estatal, uma linguagem que evita estudiosamente referências à política, ideologia ou raça. O NY DOCS alegou que o CMC foi uma solução administrativa para um desafio técnico; foi desenvolvido para ajudá-los a determinar como “problemas especiais de administração” seriam transferidos entre instalações e quem seria elegível para programas de trabalho externo. O programa foi criado para lidar com aqueles condenados por crimes que demonstravam um “alto grau de sofisticação ou planejamento”, aqueles que eram especialmente conhecidos, ou aqueles que exigiam “proteção especial enquanto sob custódia por causa de seu status de ex-policia ou um informante.”¹⁰² Em documentos subsequentes, o NY DOCS respondeu diretamente à acusação de Dhoruba de que a agência estava travando uma guerra contra presos políticos negros e latinos: “Raça, origem étnica e crenças políticas não são uma base de classificação para o CMC.”¹⁰³

Entretanto, o revestimento apolítico do programa foi desmentido pelas afiliações daqueles que eram os alvos. Assim como Dhoruba, pessoas como Jalil Muntaqim, Albert “Nuh” Washington, Herman Bell, Lawrence “Bubba” Hayes, Teddy “Jah” Heath e Elmore “Baba Odinga” Thompson eram todos membros assumidos ou supostos do PPN e do ELN. A única exceção era Frank “Khali” Abney, a quem o NY DOCS descreveu como “associado do ELN” e que tinha recentemente organizado uma campanha expondo seções ativas da Ku Klux Klan entre guardas prisionais pelo estado.¹⁰⁴ Como esses homens apontariam posteriormente, a população prisional incluía centenas de pessoas que tinham sido condenadas por atos violentos e “notórios”, mas que não eram designados como CMCs. O critério oficial para seleção, eles alegavam, eram uma cortina de fumaça que escondia a guerra carcerária.

Minha própria investigação sobre a história dos programas de monitoramento central, que continuou a operar em sistemas prisionais nacionalmente, sugere que eles são tecnologias camufladas do projeto

de guerra carcerária. O primeiro programa CMC foi estabelecido pelo Departamento Federal de Prisões – BOP¹⁰⁵ ao mesmo tempo que o FBI lançou o PRISACTS. O critério original de seleção para o CMC era similar ao que o NY DOCS utilizou com Dhoruba em 1978, com uma diferença crucial. Uma pessoa poderia ser classificada como CMC federal se pertencesse a uma “organização subservisa que defende a derrubada do governo ou a violação dos direitos civis de terceiros.”¹⁰⁶ Em outras palavras, quando foi criado, o CMC tinha um aspecto explicitamente político e contrarrevolucionário. Entretanto, em 1976, no mesmo ano em que o PRISACTS foi formalmente descontinuado, o BOP revisou a diretiva do CMC, retirando a linguagem da “subversão” de seus critérios, evitando as acusações de que o departamento e os sistemas prisionais estaduais que posteriormente utilizariam esse protocolo estivessem violando direitos civis.¹⁰⁷ A experiência dos presos políticos de Nova Iorque sugere que a ausência de uma linguagem abertamente política nas diretivas do CMC federal e estadual depois de 1976 foi uma omissão estratégica para mistificar o antagonismo da estrutura do Estado carcerário contra modos de pensamento e organização de revolucionários negros.

Aqueles que sofreram essas formas de guerra de baixa intensidade – vigilância agressiva, transferências punitivas, confinamento solitário, abuso racista e sexual, experiências clínicas psicológicas e psiquiátricas e violência corporal direta – sofreram um trauma intenso. Seth Hayes, membro do PPN/ELN e prisioneiro, explicou: “Para todo lugar que você vai sua foto está em algum canto... é como ser uma ameaça, uma ameaça ao sistema, e eles te tratam diferente... isso dá aos guardas e outras pessoas a liberdade para, naquele momento, te isolar e te julgar.”¹⁰⁸ Jah Heath escreveu sobre desenvolver insônia devido a noção de que ele nunca estava seguro em sua cela.¹⁰⁹ Dhoruba explicou que ele acordava algumas vezes no meio da noite e chorava. “Eu chorava porque estava sozinho e chorava porque algumas vezes eu pensava que ninguém entendia o que eu estava passando, o motivo de eu estar lá, ou mesmo que eu estivesse lá.”¹¹⁰ Safiya Bukhari, uma soldada do

Encarcerando revolucionários

PPN/ELN, afirmou que ela e muitas de suas camaradas sofreram de transtorno do estresse pós-traumático e explicou que, assim como os soldados voltando do Vietnã, “nós também somos veteranos.”¹¹¹

Assassinatos cometidos pelo Estado não eram a única maneira pela qual esses alvos revolucionários eram expostos à morte prematura. Encarceramento a longo prazo acelera o processo de envelhecimento – um fenômeno que se agrava ainda mais com uma guerra carcerária direcionada.¹¹² Depois de anos em confinamento solitário, Bashir Hameed, um preso político membro do PPN/ELN, viu sua saúde física e mental deteriorar rapidamente.¹¹³ “Como resultado do estresse tanto da prisão, como o de ser uma pessoa negra nos Estados Unidos, e depois a unidade de isolamento também, eu desenvolvi – e notei que a maioria dos presos têm – hipertensão,” ele explicou em uma entrevista de 1992.¹¹⁴ Administradores do NY DOCS recusaram pedidos de médicos para liberar Bashir do confinamento solitário. Em 2008, ele morreu em Comstock. Ele era um de vários presos políticos que morreram em prisões estadunidenses. Apenas em Nova Iorque, as mortes incluem as de Kuwasi Balagoon (1986), Nuh Washington (2000), Jah Heath (2001), Abdullah Majid (2016) e Seth Hayes, que faleceu pouco tempo depois de sua liberdade provisória em 2019, entre outros.

Conclusão

A história do projeto de guerra carcerária é relevante hoje. Nela, podemos identificar o início da transição da Guerra Fria anticomunista à “Guerra ao Terror” antimuçulmana – uma mudança na qual a antinegritude continua fundacional¹¹⁵. Como um agente do NY DOCS escreveu em um livro reacionário chamado *The Fertile Soil of Jihad: Terrorism’s Prison Connection* [O Solo Fértil da Jihad: a Conexão Prisional do Terrorismo], “A maioria dos membros do ELN que foram encarcerados no estado de Nova Iorque tinham declarado o Islã como sua religião no momento que foram recebidos sob custódia do NY DOCS e eles participavam regularmente de cultos Jumma na mesquita

do estabelecimento.”¹¹⁶ A perseguição destes revolucionários encarcerados demonstra que a chamada Guerra ao Terror precedeu o 11 de setembro por décadas. E um relatório de 2008 da *RAND Corporation*, um think tank global de contrainsurgência, indica que essa linha específica de guerra perdura atualmente. Uma verdadeira cartilha sobre “os desafios impostos pelo crescente número de jihadistas presos,” o relatório cita a *Autobiografia de Malcom X* e Alvo Revolucionário como exemplos históricos.¹¹⁷

Como o programa PRISACTS, estas ressonâncias históricas transcendem os muros prisionais. Em 2017, tornou-se público que o FBI estava usando o termo extremistas de identidade negra – EIN¹¹⁸ para se referir a pessoas negras que supostamente tinham “uma mistura ideológica cidadã antiautoritária e moura, e ideologia extremista de identidade negra”, e cada vez mais respondiam a “percepções” de violência policial racista através de “violência letal premeditada e retaliativa contra agentes da lei.”¹¹⁹ Não é por acaso que o termo parece ter saído da década de 1970. O FBI alega que os chamados extremistas de identidade negra de hoje são descendentes diretos do ELN.¹²⁰

Quando vamos além da retórica criminológica, torna-se claro que as prisões de hoje têm a função que têm porque uma rede clandestina de agentes de segurança interna silenciosamente as incutiu com os discursos, estratégias e táticas de guerra contrarrevolucionária. Depois de seu esquema de utilizar as prisões como uma estratégia para esmagar os movimentos sociais radicais da década de 1960 ter saído pela culatra, gerando novas formas de rebelião carcerária, esses agentes integraram as prisões em suas redes globalizadas de inteligência, contrainteligência e operações secretas. O Programa de Vigilância de Ativistas Prisionais, que deu origem às iniciativas estaduais CMC e “Detento Especial”¹²¹, é apenas uma expressão do projeto de guerra carcerária; e ainda há muito para ser revelado sobre a verdadeira dimensão desse projeto. Por agora, é suficiente especularmos que uma das principais razões da prisão ter tido um efeito tão corrosivo na sociedade nos últimos 50 anos é porque ela perpetua uma guerra não declarada; uma guerra contra

Encarcerando revolucionários

revolucionários e políticos radicais, uma guerra contra os economicamente desfavorecidos, populações marginalizadas e colonizadas, uma guerra não convencional e oculta, uma guerra que ainda acontece.

Notas

Eu gostaria de expressar minha gratidão a Dhoruba bin-Wahad e Robert J. Boyle pelo apoio crítico, sem o qual esse projeto não existiria. Agradecimentos também a Margaret Power e os coeditores desta edição especial, e para Mubbashir Rizvi, Stuart Schrader, Delio Vasquez e Maia McCall.

¹ Seu nome é completo é Dhoruba al-Mujahid bin Wahad, mas ele era conhecido como Richard Moore até 1987.

² Nota do Tradutor (NT): No original, *Black Panther Party*.

³ NT: No original, *Black Liberation Army*.

⁴ Umoja, “Repression Breeds Resistance”

⁵ NT: No original, *New York Department of Correctional Services*.

⁶ NT: No original, *Special Monitoring Units*.

⁷ Carta de Dhoruba Bin Wahad para Robert Boyle, 6 maio, 1978. Em posse do autor, cortesia de Dhoruba bin-Wahad e Robert J. Boyle.

⁸ Murakawa, **First Civil Right**; Prison Research Education Action Project, **Instead of Prisons**.

⁹ NT: No original, *Federal Bureau of Investigation*.

¹⁰ NT: No original, *Central Intelligence Agency*.

¹¹ Sostre, “New Prisoner”.

¹² Bin-Wahad em conversa com o autor, outubro de 2021.

¹³ **New York Times**, “Three Hundred Camden Police”; **New York Times**, “Inmates Stage Eight-Hour Riot”; Useem and Kimball, **States of Siege**; Burton, “Organized Disorder.”

¹⁴ NT: No original, *American Correctional Association*.

¹⁵ American Correctional Association, “Causes, Preventive Measures, and Methods,” 37.

¹⁶ Seigel, “Nelson Rockefeller in Latin America.”

¹⁷ NT: No original, “*Manifesto of Demands*”.

¹⁸ Bordenkircher, “Prisons and the Revolutionary,” 110.

¹⁹ **CBS Evening News**, “New York City Prison Riots,” October 5, 1970.

²⁰ Carta de bin-Wahad para Boyle, 13 de maio de 1974. Em posse do autor, cortesia de Dhoruba bin-Wahad e Robert J. Boyle.

²¹ NT: No original, *New York Police Department*.

²² Boyle, “COINTELPRO.”

²³ NT: No original, *Prison Activists Surveillance Program*.

²⁴ Bin-Wahad v. FBI., 813 F. Supp. 224 (S.D.N.Y. 1993); Bin Wahad v. Coughlin, 870 F. Supp. 506 (S.D.N.Y. 1994). Em posse do autor, cortesia de Dhoruba bin-Wahad e Robert J. Boyle.

Encarcerando revolucionários

- ²⁵ NT: No original, *Freedom of Information Act*.
- ²⁶ NT: No original, *the issue exploitation thesis*.
- ²⁷ U.S. Army, **U.S. Army Marine Corps Counterinsurgency Field Manual**.
- ²⁸ Schrecker, **Age of McCarthyism**, 133.
- ²⁹ NT: No original, *House Internal Security Committee*.
- ³⁰ U.S. Congress, House Committee on Internal Security, **Revolutionary Target**.
- ³¹ NT: No original, *House of Un-American Activities Committee*.
- ³² Robert M. Horner to Donald G. Sanders, September 4, 1972, Staff Director File, Folder I9, House Internal Security Committee, 1969–1976, The Center for Legislative Archives, Washington, DC.
- ³³ Durden-Smith, **Who Killed George Jackson?**; Berger, **Captive Nation**.
- ³⁴ Bordenkircher, “Prisons and the Revolutionary,” 107.
- ³⁵ Director, FBI to SAC, Albany, “Black Extremist Activity in Penal Institutions,” August 21, 1971. Em posse do autor, cortesia de Dhoruba bin-Wahad e Robert J. Boyle.
- ³⁶ Director, FBI to SAC, Albany, “Black Extremist Activity in Penal Institutions,” March 8, 1971, 2.
- ³⁷ Director, FBI to SAC, Albany, “Black Extremist Activity in Penal Institutions.” March 8, 1971, 2.
- ³⁸ Churchill and Vander Wall, **Cointelpro Papers**.
- ³⁹ NT: No original, “*Black Nationalist-Hate Groups*”.
- ⁴⁰ Citado em Select Comm. to Study Governmental Operations, **Intelligence Activities and the Rights of Americans**, 20
- ⁴¹ NT: No original, “*red squads*”.
- ⁴² Donner, **Protectors of Privilege**.
- ⁴³ Churchill, “The Other Kind,” 191.
- ⁴⁴ Odinga, Bin Wahad, and Joseph, **Look for Me in the Whirlwind**; Burton, “Revolution Is Illegal.
- ⁴⁵ Hill, “I Was a Ghetto Rat.”
- ⁴⁶ NT: No original, *Prisoners Solidarity Committee*.
- ⁴⁷ U.S. Congress, House Committee on Internal Security, Revolutionary Activities, 203–7.
- ⁴⁸ Burton, “Captivity, Kinship.”
- ⁴⁹ Williams, Munger, and Messersmith-Glavin, **Life during Wartime**.
- ⁵⁰ **House Hearing, Before the Subcommittee of the Committee on Appropriations House of Representatives**, 92nd Cong. 2973, 922 (1972) (Statement of J. Edgar Hoover, Director of the FBI).
- ⁵¹ U.S. Congress, House Committee on Internal Security, **Revolutionary Target**, 1.

- ⁵² NT: No original, “*The National Symposium on the American Penal System as a Revolutionary Target?*”.
- ⁵³ FBI, “Prisons – A Target of Revolutionaries.”
- ⁵⁴ NT: No original, *The Cutting Edge of Prison Technology*.
- ⁵⁵ Bin Wahad, Abu-Jamal, and Shakur, **Still Black, Still Strong**, 79.
- ⁵⁶ Rodríguez, **Forced Passages**.
- ⁵⁷ James, “George Jackson.”
- ⁵⁸ NT: No original, *Black Guerrilla Family*.
- ⁵⁹ Zohrabi, “Resistance and Repression.”
- ⁶⁰ Jackson, **Soledad Brother**, 265.
- ⁶¹ Jackson, **Blood in My Eye**.
- ⁶² Jackson, “Remembering the Real Dragon,” 179.
- ⁶³ Durden-Smith, **Who Killed George Jackson?**
- ⁶⁴ NT: No original, “*Black Extremist Activities in Penal Institutions?*”.
- ⁶⁵ Jackson, “Remembering the Real Dragon,” 179.
- ⁶⁶ Memo from G. C. Moore to W. R. Wannall, PRISACTS, May 6, 1974, FOIPA #1461616–001, 1. Em posse do autor.
- ⁶⁷ **FBI Oversight Hearings, Before the Subcommittee on Civil and Constitutional Rights of the Committee on the Judiciary**, 94th Cong. 198, Part 2 (1975) (Statement of Comptroller General of the United States), 198.
- ⁶⁸ PRISACTS, May 6, 1974, FOIPA #1461616–001, 1.
- ⁶⁹ Bordenkircher, “Prisons and the Revolutionary,” 132–33.
- ⁷⁰ NT: No original, “*Prisons and the Revolutionary?*”.
- ⁷¹ Bordenkircher, “Prisons and the Revolutionary.”
- ⁷² Bordenkircher, “Prisons and the Revolutionary,” 106.
- ⁷³ Gómez, “Resisting Living Death.”
- ⁷⁴ Shakur *et al.*, **Genocide Waged against the Black Nation**; Schefflin and Opton, “Mind Manipulators”; Kinzer, **Poisoner in Chief**.
- ⁷⁵ U.S. Department of Justice, “Prisoners in State and Federal Institutions,” 1.
- ⁷⁶ Muntaqim, “A Case Against U.S. Domestic (Neo) Colonialism,” 2.
- ⁷⁷ Durden-Smith, **Who Killed George Jackson?**; Tackwood and Citizens Research and Investigation Committee, **Glass House Tapes**; Berger, **Captive Nation**.
- ⁷⁸ Foucault, von Bülow, and Defert, “Masked Assassination.”
- ⁷⁹ Durden-Smith, **Who Killed George Jackson?**, 97–172; Tackwood and Citizens Research and Investigation Committee, **Glass House Tapes**; Perry, “Confessions of an FBI Informant.”
- ⁸⁰ Bin-Wahad, comunicação pessoal com o autor, mar. 2020; Bin Wahad, Shakur, and Abu-Jamal, **Still Black, Still Strong**.
- ⁸¹ NT: No original, *People’s Party*.

Encarcerando revolucionários

⁸² U.S. Congress, House Committee on Internal Security, **Revolutionary Target**, 61–2.

⁸³ Comrade Wayne and Comrade Rabb, “Attica Again?,” November 8, 1972, Box 5–Attica Trial Misc., 1972–1974, Jomo Joka Omowale Papers, David M. Rubenstein Rare Book and Manuscript Library, Duke University.

⁸⁴ Em *Malcom X: A Life of Reinvention* [Malcom X: uma vida de reinvenção], Manning Marable sugere que Karate Bob foi assassinado nas semanas posteriores à morte de Malcom X. Entretanto, isso não poderia ser verdade, já que Smith foi condenado por atirar em três detetives em um metrô no Brooklyn em 1967. O fato de ele ter sido morto em um metrô logo após sua soltura da prisão é uma coincidência estranha. Marable, **Malcom X**, 459–60; Anderson, “Muslim Is Guilty; bin-Wahad, comunicação pessoal com o autor, mar. 2020; Hassan Gale, comunicação pessoal com o autor, jun. 2021.

⁸⁵ Perlmutter, “Patrolman Using Shotgun.”

⁸⁶ Omowale, “Untitled Document,” Box 5–Attica Trial, August 20, 1974, Jomo Joka Omowale Papers, David M. Rubenstein Rare Book and Manuscript Library, Duke University.

⁸⁷ Kifner, “Suspect in Two Killings Called Police Victim.”

⁸⁸ Bordenkircher and Bordenkircher, **Tiger Cage**, 96

⁸⁹ NT: No original, *Office of Public Safety*.

⁹⁰ NT: No original, *Phoenix Program*.

⁹¹ Bordenkircher and Bordenkircher, **Tiger Cage**; Valentine, **Phoenix Program**, 292.

⁹² Bordenkircher and Bordenkircher, **Tiger Cage**; Fox, “Four South Vietnamese Describe Torture”; Greene, “From Abu Ghraib to America”; Schrader, **Badges without Borders**; Schrader, “‘Tiger Cages’ in Vietnam.”

⁹³ SAC, San Francisco to Director, February 9, 1976; Helgeson, “FBI Intelligence Division Inspection, March 11, 1975 – April 4, 1975,” 64. Em posse do autor, cortesia de Dhoruba bin-Wahad e Robert J. Boyle.

⁹⁴ Director, FBI to SAC, “Re: Extremist, Revolutionary, Terrorist, and Subversive Activities in Penal Institutions PRISACTS,” August 16, 1976, 1. Em posse do autor, cortesia de Dhoruba bin-Wahad e Robert J. Boyle.

⁹⁵ NT: No original, *Panther 21*.

⁹⁶ Odinga, Bin Wahad, and Joseph, **Look for Me in the Whirlwind**; Burton, “Revolution Is Illegal.”

⁹⁷ Fosburgh, “Panther Draws Life in Attack on Police,” 1.

⁹⁸ Cited in “Amended Complaint Jury Trial Demanded,” Bin-Wahad v. Coughlin et al. 86 Civ. 4112, 4. Em posse do autor, cortesia de Dhoruba bin-Wahad e Robert J. Boyle.

⁹⁹ “Interview with Kiilu Nyasha and Dhoruba Bin-Wahad,” May 21, 1990, Freedom Archives, <https://freedomarchives.org/Documents/Finder/>

[DOC513_scans/Dhoruba_Bin-Wahad/513.Dhoruba.KPFA.Interview.Kiilu.Nyasha.pdf](#).

¹⁰⁰ NT: No original, *Central Monitoring Case*.

¹⁰¹ Moore, **Central Monitoring Case Designation**. Em posse do autor, cortesia de Dhoruba bin-Wahad e Robert J. Boyle.

¹⁰² NY DOCS, CMC Directive #0701, August 25, 1977, 1.

¹⁰³ Affidavit of Brian F. Malone, Richard Dhoruba Moore et al. v. NYSDOCS et al. 78-Civ-3008, 2. Em posse do autor, cortesia de Dhoruba bin-Wahad e Robert J. Boyle.

¹⁰⁴ Boyle, comunicação pessoal com o autor, maio de 2018.

¹⁰⁵ NT: No original, *Federal Bureau of Prisons*.

¹⁰⁶ B.O.P Policy Statement 7900.47; Nielsen v. C. L. Benson, et al. (7th Cir. 1974) (No. 76–1428), 13.

¹⁰⁷ B.O.P Policy Statement 7900.47; Nielsen v. C. L. Benson, et al. (7th Cir. 1974) (No. 76–1428).

¹⁰⁸ Testimony of Lawrence Hayes, Richard Dhoruba Moore v NY DOCS. 78 Civ. 3008, SDNY, n.d., pp. 463–64.

¹⁰⁹ Depoimento escrito à mão, sem data, de Teddy Heath, DBW v. Coughlin. Em posse do autor, cortesia de Dhoruba bin-Wahad e Robert J. Boyle.

¹¹⁰ Dhoruba bin-Wahad (April 1993), citado em Valdez, “Passin’ It On.”

¹¹¹ Bukhari, **War Before**, 79–86.

¹¹² Chammah, “Do You Age Faster in Prison?”

¹¹³ Grassian, “Psychiatric Effects of Solitary Confinement,” 353.

¹¹⁴ Bashir Hameed, entrevista não publicada, Rikers Island, 1992, cortesia de Dhoruba bin-Wahad.

¹¹⁵ Daulatzai and Rana, **With Stones in Our Hands**.

¹¹⁶ Dunleavy, **Fertile Soil of Jihad**, 82.

¹¹⁷ Hannah, Clutterbuck, and Rubin, **Radicalization or Rehabilitation**, 20–21.

¹¹⁸ NT: No original, *black identity extremists*.

¹¹⁹ FBI, “Black Identity Extremists.”

¹²⁰ FBI, “Black Identity Extremists.”

¹²¹ NT: No original, “*Special Inmate*”.

Referências

AMERICAN CORRECTIONAL ASSOCIATION. **Causes, Preventive Measures, and Methods of Controlling Riots & Disturbances in Correctional Institutions.** [S. l.]: American Correctional Association, 1970.

ANDERSON, David F. Muslim Is Guilty in Police Assault. **New York Times**, [s. l.], 1973.

BERGER, Dan. **Captive nation : Black prison organizing in the civil rights era.** [S. l.]: University Of North Carolina Press, 2016.

BIN WAHAD, Dhoruba; ABU-JAMAL, Mumia; SHAKUR, Assata. **Still Black, still strong : survivors of the U.S. war against Black revolutionaries.** [S. l.]: Semiotex(e), 1993.

BORDENKIRCHER, Donald E. Prisons and the Revolutionary. *Im.*, 1974. **Proceedings of the One Hundred and Fourth Annual Congress of Correction of the American Correctional Association.** [S. l.: s. n.], 1974. p. 102–135.

BORDENKIRCHER, D. E.; BORDENKIRCHER, S. A. **Tiger cage: an untold story.** Cameron, WV: Abbey Pub, 1998.

BOYLE, Robert. COINTELPRO: Nineteen-Year Ordeal of Dhoruba bin-Wahad. **CovertAction Quarterly**, [s. l.], n. 36, p. 12, 1991.

BUKHARI, Safiya. **The war before: the true life story of becoming a Black Panther, keeping the faith in prison & fighting for those left behind.** New York City: Feminist Press at the City University of New York, 2010.

BURTON, Orisanmi. Captivity, Kinship, and Black Masculine Care Work under Domestic Warfare. **American Anthropologist**, [s. l.], v. 123, n. 3, p. 621–632, 2021a.

BURTON, Orisanmi. **Organized Disorder: The New York City Jail**

Rebellion of 1970. **The Black Scholar**, [s. l.], v. 48, n. 4, p. 28–42, 2018.

BURTON, Orisanmi. **Revolution Is Illegal: Revisiting the Panther 21 at Fifty**. [s. l.], 2021b. Disponível em: <https://spectrejournal.com/revolution-is-illegal/>. .

CHAMMAH, Maurice. **Do You Age Faster in Prison? Science Tries to Catch Up with the Problem of ‘Accelerated Aging**. [s. l.], 2015. Disponível em: <https://www.themarshallproject.org/2015/08/24/do-you-age-faster-in-prison>. Acesso em: 2 dez. 2023.

CHURCHILL, Ward. *The Other Kind: On the Integrity, Consistency, and Humanity of Jalil Abdul Muntaqim*. *In: MUNTAQIM, Jail. Escaping the Prism ... Fade to Black*. Montreal: Kersplebedeb Publishing and Distribution, 2015. p. 183–293.

CHURCHILL, Ward; VANDER WALL, Jim. **The COINTELPRO papers: documents from the FBI’s secret wars against dissent in the United States**. 2nd eded. Cambridge, MA: South End Press, 2002. (South End Press classics series, v. v. 8).

CONFESSIONS OF AN FBI INFORMANT. [s. l.]: YouTube, 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ygl9uLqfDr8&t=2688s>.

DAULATZAI, Sohail; RANA, Junaid Akram (org.). **With stones in our hands: writings on muslims, racism, and empire**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018. (Muslim International).

DONNER, Frank. **Protectors of Privilege: Red Squads and Police Repression in Urban America**. Berkeley: University of California Press, 1992.

DUNLEAVY, Patrick T. **The fertile soil of Jihad: terrorism’s prison connection**. 1st eded. Washington, D.C: Potomac Books, 2011.

DURDEN-SMITH, JO. **Who Killed George Jackson? Fantasies, Paranoia, and the Revolution.** New York: Knopf, 1976.

FBI (FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION). **Black Identity Extremists Likely Motivated to Target Law Enforcement Officers.** Washington, DC: FBI Intelligence Assessment, 2017.

Disponível em:

<https://www.documentcloud.org/documents/4067711-BIE-Redacted.html>.

FBI (FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION). Prisons – A Target of Revolutionaries. **FBI Bulletin**, [s. l.], 1974.

FOSBURGH, Lacey. Panther Draws Life in Attack on Police. **New York Times**, [s. l.], 27 abr. 1973.

FOUCAULT, Michel; VON BÜLOW, Catherine; DEFERT, Daniel. The Masked Assassination. In: JAMES, Joy (org.). **Warfare in the American homeland: policing and prison in a penal democracy.** Durham: Duke University Press, 2007. p. 140–160.

FOX, Sylvan. Four South Vietnamese Describe Torture in Prison ‘Tiger Cage.’ **New York Times**, [s. l.], 3 mar. 1973.

GÓMEZ, Alan Eladio. Resisting Living Death at Marion Federal Penitentiary, 1972. **Radical History Review**, [s. l.], v. 2006, n. 96, p. 58–86, 2006.

GRASSIAN, Stuart. Psychiatric Effects of Solitary Confinement. **Washington University Journal of Law & Policy**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 325–383, 2006.

GREENE, Judith. From Abu Ghraib to America: Examining Our Harsh Prison Culture. **Ideas for an Open Society: Occasional Papers from OSI-US Programs**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 2–4, 2004.

HANNAH, Greg; CLUTTERBUCK, Lindsay; RUBIN, Jennifer. **Radicalization or Rehabilitation: Understanding the challenge of extremist and radicalized prisoners.** Santa Monica, CA: RAND

Corporation, 2008.

HELGESON, Hunter E. **Intelligence Division Inspection, March 11, 1975–April 4, 1975.** [S. L]: Federal Bureau of Investigation, 1975.

HILL, Charles Leon. I Was a Ghetto Rat. *In:* AUBURN CORRECTIONAL FACILITY, 24 (org.). **Prisoners Call Out: Freedom.** New York: Prisoners Solidarity Committee, 1971.

JACKSON, George. **Blood in My Eye.** Baltimore, MD: Black Classic Press, 1990.

JACKSON, George. Remembering the Real Dragon: An Interview with George Jackson May 16 and June 29, 1971. *In:* CHURCHILL, Ward; VANDER WALL, Jim (org.). **Cages of steel: the politics of imprisonment in the United States.** Washington, D.C: Maisonneuve Press, 1992.

JACKSON, George. **Soledad brother: the prison letters of George Jackson.** Chicago: Lawrence Hill Books : Distributed by Independent Publishers Group, 1994.

JAMES, Joy. **George Jackson: Dragon Philosopher and Revolutionary Abolitionist.** [S. L], 2018. Disponível em: <https://www.aaihs.org/george-jackson-dragon-philosopher-and-revolutionary-abolitionist/>. Acesso em: 2 dez. 2023.

KIFNER, John. Suspect in Two Killings Called Police Victim. **New York Times**, [s. L], 11 abr. 1978.

KINZER, Stephen. **Poisoner in chief: Sidney Gottlieb and the CIA search for mind control.** First editioned. New York: Henry Holt and Company, 2019.

MARABLE, Manning. **Malcolm X: a life of reinvention.** New York, NY: Penguin Books, 2011.

MUNTAQIM, Jail Abdul. A Case Against U.S. Domestic (Neo) Colonialism: Part Three, International Law on Political Prisoners of

War. **Crossroad: A New Afrikan Captured Combatant Newsletter**, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 1–7, 1987.

MURAKAWA, Naomi. **The first civil right: how liberals built prison America**. New York, NY: Oxford Univ. Press, 2014. (Studies in postwar American political development).

NEW YORK TIMES. Inmates Stage Eight-Hour Riot in Minnesota State Prison. [s. l.], 6 set. 1969a.

NEW YORK TIMES. Three Hundred Camden Police Quell Riot in Jail. [s. l.], 18 fev. 1969b.

NY DOCS OFFICE OF INSPECTOR GENERAL. **Central Monitoring Case Designation — Richard Moore**. [S. l.: s. n.], 1978.

ODINGA, Sekou *et al.* **Look for me in the whirlwind: from the Panther 21 to 21st-century revolutions**. Oakland, CA: PM Press, 2017.

PASSIN' IT ON. [S. l.]: ITVS International, 1993.

PERLMUTTER, Emmanuel. Patrolman Using Shotgun Kills a Gunman in Harlem. **New York Times**, [s. l.], 4 fev. 1973.

PRISON RESEARCH EDUCATION ACTION PROJECT. **Instead of Prisons: A Handbook for Abolitionists**. Oakland, CA: Critical Resistance, 2005.

RODRIGUEZ, Dylan. **Forced passages: imprisoned radical intellectuals and the U.S. prison regime**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

SCHEFLIN, Alan W.; OPTON, Edward M. **The mind manipulators: a non-fiction account**. New York: Paddington Press : distributed by Grosset & Dunlap, 1978.

SCHRADER, Stuart. **Badges without borders: how global counterinsurgency transformed American policing**. Oakland,

California: University of California Press, 2019. (American Crossroads, v. 56).

SCHRADER, Stuart. “Tiger Cages” in Vietnam: How the call for U.S. Prison Abolition is a Global Issue. *In*: UC PRESS BLOG. [s. d]. Disponível em: <https://www.ucpress.edu/blog/51234/tiger-cages-in-vietnam-how-the-call-for-u-s-prison-abolition-is-a-global-issue/>. Acesso em: 2 dez. 2023.

SCHRECKER, Ellen. **The age of McCarthyism: a brief history with documents**. 2nd eded. Boston: Bedford/St. Martin’s, 2002. (The Bedford series in history and culture).

SEIGEL, Micol. Nelson Rockefeller in Latin America: Global Currents of US Prison Growth. **Comparative American Studies An International Journal**, [s. l], v. 13, n. 3, p. 161–176, 2015.

SHAKUR, Mutulu *et al.* **Genocide Waged against the Black Nation through Behavior Modification Orchestrated by Counterinsurgency and Low-Intensity Warfare in the U.S. Penal System**: Research Committee on International Law and Black Freedom Fighters in the United States. [S. l]: Freedom Archives, [s. d].

SOSTRE, Martin. The New Prisoner. **North Carolina Central Law Journal**, [s. l], v. 4, n. 2, p. 242–254, 1972.

TACKWOOD, Louis E.; CITIZENS RESEARCH AND INVESTIGATION COMMITTEE. **The Glass House Tapes: The Story of an Agent-Provocateur and the New Police-Intelligence Complex**. New York: Avon Books, 1973.

UMOJA, Akinyele Omowale. Repression breeds resistance: The black liberation army and the radical legacy of the black panther party. **New Political Science**, [s. l], v. 21, n. 2, p. 131–155, 1999.

UNITED STATES; UNITED STATES (org.). **The U.S. Army/Marine Corps counterinsurgency field manual: U.S. Army field manual no. 3-24: Marine Corps warfighting publication no.**

3-33.5. University of Chicago Press eded. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

U.S. CONGRESS, HOUSE COMMITTEE ON INTERNAL SECURITY. **Revolutionary Activities Directed toward the Administration of Penal or Correctional Systems.** Washington, DC: US Government Printing Office, 1973a.

U.S. CONGRESS, HOUSE COMMITTEE ON INTERNAL SECURITY. **Revolutionary Target: The American Penal System.** Washington, DC: US Government Printing Office, 1973b.

U.S. DEPARTMENT OF JUSTICE. Prisoners in State and Federal Institutions on December 31, 1975. **National Prisoner Statistics Bulletin**, [s. 4], v. 1, 1977.

U.S. SENATE, SELECT COMMITTEE TO STUDY GOVERNMENTAL OPERATIONS WITH RESPECT TO INTELLIGENCE ACTIVITIES. **Supplementary Detailed Staff Reports on Intelligence Activities and the Rights of Americans.** Washington, DC: US Government Printing Office, 1976. v. 3

USEEM, Bert; KIMBALL, Peter. **States of Siege: US Prison Riots, 1971–1986.** New York: Oxford University Press, 1991.

VALENTINE, Douglas. **The Phoenix Program: America's Use of Terror in Vietnam.** New York: Open Road Media, [s. d].

WILLIAMS, Kristian; MUNGER, William; MESSERSMITH-GLAVIN, Lara (org.). **Life during wartime: resisting counterinsurgency.** Oakland, CA: AK Press, 2013.

ZOHRABI, Azadeh. Resistance and Repression: The Black Guerrilla Family in Context. **UC Law Journal of Race and Economic Justice**, [s. 4], v. 9, n. 1, p. 167, 2012.